



A arte de fingir dor
A ridícula ideia de nunca mais te ver
Uma jovem estudante muito sábia
Pássaros com o peito palpitante
O fogo doméstico do suor e da febre
Elogio dos esquisitos
Radioatividade e geleias
A bruxa do caldeirão
Esmagando carvão com as próprias mãos
Questão de dedos
Mas eu me esforço
Um sorriso violentamente alentador
Velhas asas que se desfazem
A última vez que subimos uma montanha
Escondido no centro do silêncio
O canto de uma menina
Agradecimentos: Algumas palavras finais
Índice de hashtags
Apêndice: Diário de Marie Curie

Autora
Créditos

A arte de fingir dor

Como não tive filhos, a coisa mais importante que me aconteceu na vida foram os meus mortos, e com isso me refiro à morte dos meus entes queridos. Talvez você ache isso lúgubre, mórbido. Eu não vejo assim. Muito pelo contrário: para mim é uma coisa tão lógica, tão natural, tão certa. Apenas em nascimentos e mortes é que saímos do tempo. A Terra detém sua rotação e as trivialidades com que desperdiçamos as horas caem no chão feito purpurina. Quando uma criança nasce ou uma pessoa morre, o presente se parte ao meio e nos permite espiar durante um instante pela fresta da verdade — monumental, ardente e impassível. Nunca nos sentimos tão autênticos quanto ao beirmos essas fronteiras biológicas: temos a clara consciência de viver algo grandioso. Há muitos anos, quando entrevistava o jornalista Iñaki Gabilondo, ele me contou que a morte da sua primeira mulher, que faleceu bastante jovem de câncer, havia sido muito dura, sim, mas também a coisa mais transcendente que lhe acontecera. Suas palavras me impressionaram: ainda me lembro delas, embora eu tenha uma terrível memória de passarinho. Na época, pensei que tinha compreendido bem o que ele queria dizer, mas só depois de ter vivido a mesma experiência é que entendi melhor. Nem tudo é horrível na morte, embora pareça mentira (e me espanto ao me ouvir dizendo isso).

Mas este não é um livro sobre a morte.

Na verdade, não sei bem o que é ou o que será. Aqui está ele agora, na ponta dos meus dedos, umas poucas linhas num tablet, um amontoado de células eletrônicas ainda indeterminadas que poderiam ser abortadas com muita facilidade. Os livros nascem de um germen ínfimo, de um ovinho minúsculo, uma frase, uma imagem, uma intuição; e crescem como zigotos, organicamente,

célula a célula, diferenciando-se em tecidos e em estruturas cada vez mais complexas até se transformarem numa criatura completa e geralmente inesperada. Confesso a você que tenho uma ideia do que desejo fazer com este texto, mas será que o projeto se manterá até o fim ou surgirá outra coisa? Sinto-me como o pastor daquela velha história, que entalha distraidamente um pedaço de madeira com sua navalha e, quando alguém lhe pergunta “que figura está fazendo?”, ele responde: “Olhe, se sair com barba, são Francisco; se não, a Virgem Maria”.

De qualquer modo, uma imagem sagrada.

A santa deste livro é Marie Curie. Sempre a achei uma mulher fascinante, algo com que quase todo mundo concorda, aliás, porque é um personagem incomum e romântico que parece maior do que sua própria vida. Uma polonesa espetacular que foi capaz de ganhar dois prêmios Nobel: um de física, em 1903, em parceria com o marido, Pierre Curie; outro de química, em 1911, sozinha. Com efeito, em toda a história do Nobel só houve outras três pessoas que ganharam duas distinções: Linus Pauling, Frederick Sanger e John Bardeen, e apenas Pauling em duas categorias distintas, como Marie. Mas Linus levou um prêmio de química e outro da paz, e é preciso reconhecer que este último vale bem menos (como se sabe, até Henry Kissinger tem um). Ou seja, Madame Curie permanece imbatível.

Além disso, Marie descobriu e mediu a radioatividade, esse atributo aterrador da Natureza, fulgurantes raios sobre-humanos que curam e matam, que fritam tumores cancerígenos na radioterapia ou calcinam corpos depois de uma deflagração atômica. É dela também a descoberta do polônio e do rádio, dois elementos muito mais ativos do que o urânio. O polônio, o primeiro que ela encontrou (por isso o batizou com o nome de seu país), foi logo ofuscado pela relevância do rádio, embora recentemente tenha virado moda como uma maneira eficiente de assassinar: lembremos a terrível morte do espião russo Aleksandr Litvinenko, em 2006, depois de ingerir polônio 210, ou o polêmico caso de Arafat (outro Nobel da paz inacreditável). De modo que as mãos de Marie Curie chegaram até mesmo a

essas sinistras aplicações. Mas, bem ou mal, essa força devastadora está na própria base da construção do século XX, e provavelmente também do XXI. Vivemos tempos radioativos.



Natasja Weitsz/Getty Images
Litvinenko em seu leito de morte.

A dimensão profissional de Madame Curie foi uma raridade absoluta numa época em que não se permitia quase nada às mulheres. De fato, ainda hoje cientistas mulheres continuam relativamente escassas, e com certeza os prêmios ainda lhes são escamoteados. Desde o começo do Nobel até 2011, 786 homens ganharam o prêmio contra apenas 44 mulheres (pouco mais de 6%), sendo que a imensa maioria delas recebeu o Nobel da paz ou de literatura. Há apenas quatro laureadas em química e duas em física (incluindo a dobradinha de Curie, que eleva muito a porcentagem). Sem falar dos casos em que simplesmente lhes roubaram o Nobel, como aconteceu com Lise Meitner (1878-1968), que teve uma participação substancial na descoberta da fissão nuclear, embora o prêmio tenha sido dado em 1944 ao alemão Otto Hahn, que nem sequer a mencionou, porque, além

de tudo, Lise era judia e aqueles eram tempos nazistas. Lise teve a sorte de viver o suficiente para começar a ser reivindicada e receber algumas homenagens na velhice — não sei se isso compensará a ferida de uma vida inteira.

Muito pior foi o que aconteceu a Rosalind Franklin (1920-58), eminente cientista britânica que descobriu os fundamentos da estrutura molecular do DNA. Wilkins, um colega de trabalho com quem ela mantinha uma relação conflituosa (ainda era um mundo muito machista), pegou as anotações de Rosalind e uma fotografia importante que a cientista conseguira tirar do DNA por meio de um processo complexo denominado difração de raios X e, sem que ela soubesse ou autorizasse, mostrou tudo a dois colegas, Watson e Crick, que trabalhavam na mesma área e, depois de se apropriar ilegalmente dessas descobertas, se basearam nelas para desenvolver seu próprio trabalho. Não se sabe se Rosalind chegou a ter conhecimento do “roubo” intelectual de que fora vítima; faleceu muito jovem, com 37 anos, de um câncer de ovário provavelmente causado pela exposição aos mesmos raios X que lhe permitiram vislumbrar as entranhas do DNA. Em 1962, quatro anos depois da morte de Franklin, Watson, Crick e Wilkins obtiveram o Nobel de medicina pelas suas descobertas sobre o DNA. Como não é possível ganhar o prêmio postumamente, Rosalind nunca o levou, embora com certeza o merecesse. Mas o mais vergonhoso é que nem Watson nem Crick mencionaram Franklin ou reconheceram sua contribuição. Enfim, uma história suja e triste, mas pelo menos conhecida. Pergunto-me quantos outros casos de espionagem, apropriação indevida e parasitismo podem ter ocorrido na história da Ciência sem que tenham chegado a se tornar públicos.



Science Source/Getty Images
Esta é Rosalind Franklin: linda, não?

(Incrível: enquanto eu redigia estas linhas, uma amiga de Facebook, Sandra Castellanos, me mandou uma mensagem. Não nos conhecemos pessoalmente, só sei que ela mora no Canadá e é uma ótima escritora principiante, porque já li seus textos. Fazia meses que não nos falávamos e, de repente, saindo da flamejante vastidão cibernética, recebi a seguinte informação:

Olá, Rosa, vi isso e achei que você gostaria de saber.
De Por amor a la física, de Walter Lewin:

Os desafios dos limites de nosso equipamento tornam ainda mais surpreendentes os resultados de Henrietta Swan Leavitt, uma astrônoma brilhante mas geralmente

ignorada. Em 1908, Leavitt trabalhava no Observatório de Harvard, num cargo secundário, quando começou seu trabalho, que proporcionou um salto gigantesco na medição da distância até as estrelas.

Esse tipo de coisa aconteceu com tanta frequência na história da Ciência que o fato de minimizar o talento, a inteligência e a contribuição das mulheres cientistas deveria ser considerado um erro sistêmico.

E ao final:

Aconteceu com Lise Meitner, que participou da descoberta da fissão nuclear; com Rosalind Franklin, que contribuiu para descobrir a estrutura do DNA; com Jocelyn Bell, que descobriu os pulsares e deveria ter dividido em 1974 o prêmio Nobel dado a seu supervisor, Anthony Hewish.

Uau! Eu não sabia nada sobre Leavitt ou Jocelyn Bell, mas o que me deixou atônita foi a espetacular sincronia de momento e tema. E o que é mais inquietante: essas #coincidências que parecem mágicas são frequentes no terreno literário. Mas falaremos disso mais tarde.)

Eu estava preparando outro romance. Vinha fazendo anotações, lendo livros relacionados ao tema havia mais de dois anos. Estava deixando o zigoto crescer na minha cabeça. Finalmente dei início a ele, isto é, passei à ação: sentei-me em frente ao computador e comecei a digitar. Isso foi em novembro de 2011. A trama toda transcorre na selva, esse asfixiante, putrefato, enlouquecedor ventre vegetal. Escrevi os três primeiros capítulos, e gostei deles. Além do mais, sei tudo o que vai acontecer depois. E também gosto disso. Quer dizer, acho que pode ser emocionante para mim escrever esse romance. E, no entanto, no final de dezembro, deixei essa história de lado, talvez para sempre (espero que não). Em toda a minha vida, só abandonei um outro romance pela metade: foi em 1984, e àquela

altura ele já estava com uma centena de páginas. Joguei-as fora, salvo as cinco ou seis primeiras, que publiquei em forma de conto com o título “A vida fácil” no meu livro *Amantes e inimigos*. Esse romance nunca mais voltará. Deixei de sentir os personagens, suas peripécias passaram a não me interessar, cansei do tema. Para poder escrever um romance, para suportar as tediosas e longas horas sentada que o trabalho implica, mês após mês, ano após ano, a história tem que manter borbulhas de luz na nossa cabeça. Cenas que são ilhas de emoção incandescente. E é pela ansiedade de chegar a uma dessas cenas — que, sem sabermos o motivo, nos deixam tiritando — que atravessamos meses de soberano e insuportável tédio ao teclado. De modo que a paisagem que vislumbramos ao começar uma obra de ficção é como um longo colar de escuridão iluminado aqui e ali por uma grande pérola iridescente. E vamos avançando com esforço pelo fio de sombras de uma conta à outra, atraídos como mariposas pelo brilho, até chegarmos à cena final, que, para mim, é a última dessas ilhas de luz, uma explosão radiante. É verdade que cada romance tem poucas pérolas: com sorte, com muita sorte mesmo, talvez umas dez. Mas já dá para nos virarmos com quatro ou cinco se forem suficientemente poderosas para nós, se forem embriagantes, se as sentirmos tão grandes que não caibam no nosso peito a ponto de pensarmos: preciso contar isso aqui. Porque, se não o fizermos, desconfiamos que a cena explodirá dentro da gente e acabaremos bufando pelas narinas.

E o que aconteceu com aquele romance de 1984 é que essa chama se apagou. Acabou-se a necessidade, o arrepio e o êxtase. Foi um verdadeiro aborto, e ainda por cima tão tardio — de uns cinco meses, digamos metaforicamente — que minha saúde literária foi abalada: me bateu *La Seca*, como dizia Donoso, e passei quase quatro anos sem conseguir escrever. Um maldito inferno, pois ao perder a escrita, perdi também o nexos com a vida. Sentia uma lassidão, uma distância da realidade, uma névoa que borrava tudo, como se eu não fosse capaz de me emocionar com o que vivia se não o elaborasse mentalmente através de

palavras. Pensando bem, é possível que o grande Fernando Pessoa se referisse a isso nos seus célebres versos: “O poeta é um fingidor. Finge tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente”. Talvez o escritor seja um sujeito mais ou menos louco que é incapaz de sentir a própria dor se não *fingir* ou construí-la com palavras. Com essas palavras que combinam, completam, consolam, que nos tornam calmos e conscientes de estar vivos. Caramba, todas as palavras saíram com C! Extraordinário. O cego tilintar do cérebro.

Não acho que meu relato da selva esteja tão morto como aquele de 1984 que acabou me bloqueando. Gosto de pensar que é uma simples falta de sintonia entre mim e o tema; não é o que eu quero contar agora; ou, quem sabe, preciso contar outra coisa. Aquele romance surgiu na minha cabeça durante os meses da doença do meu marido. É a trama mais obscura, mais desesperada e angustiante que já imaginei. E agora não me vejo ali. Não quero me enfiar ali. Não desejo passar o próximo ano presa naquela selva trituradora.

Eu estava nisso quando recebi um e-mail de Elena Ramírez, editora da Seix Barral. Ela propunha que eu fizesse um prólogo para Únicos, uma coleção de livrinhos muito curtos. O texto sobre o qual ela queria que eu falasse era o diário de Marie Curie, pouco mais de vinte páginas redigidas ao longo de doze meses após a morte de seu marido, que faleceu aos 47 anos atropelado por uma charrete. E a sábia, a bruxa, a maga Elena Ramírez dizia:

Pensei em você porque o diário reflete com crueza explícita o luto de Marie pela perda do marido. Acho que, se você gostar da obra, pode fazer algo estupendo, a respeito dela ou da superação (se é que se pode chamar assim) do luto em geral. Acho até que, dependendo de sua imersão no livro e de como se sentir ao escrever, poderia ser um prólogo ou o corpo central, e o diário de Curie um complemento. Bem, deixo aberto a qualquer surpresa.

Li o texto. E me impressionou. Mais do que isso: me prendeu.

Mas este tampouco é um livro sobre o luto. Ou não só sobre o luto.

Comprei meia dúzia de biografias de Madame Curie, de quem eu já sabia algumas coisas, mas não muitas. E algo ainda sem forma começou a crescer na minha cabeça. Uma vontade de contar sua história à minha maneira, de usar sua vida como um parâmetro para entender a minha; e não estou falando de teorias feministas, mas de tentar desvendar qual é o #lugardamulher nesta sociedade em que os lugares tradicionais foram extintos (o homem também anda perdido, evidentemente, mas eles que explorem esse pântano). Vontade de perambular pelas esquinas do mundo, do meu mundo; e de refletir sobre uma série de #palavras que me despertam ecos, #palavras que ultimamente ficam dando voltas na minha cabeça como cães perdidos. Vontade de escrever como quem respira. Com naturalidade, com #leveza.

Quando eu era pequena, tive tuberculose. Fiquei sem ir à escola dos cinco aos nove anos e, segundo a lenda familiar, fui salva por um pediatra chamado dom Justo, que era um médico maravilhoso e um grande ser humano, e não cobrava quando não tínhamos dinheiro. Lembro-me bem das muitas visitas a dom Justo; vivíamos longe, precisávamos pegar um ônibus e eu sempre chegava enjoada (naquele tempo, quando quase ninguém tinha carro próprio e as pessoas viajavam pouco em veículos motorizados, era bastante comum passar mal ao entrar num automóvel). Nos fundos do consultório de dom Justo havia uma espécie de quartinho onde ficava a máquina de raio X. Inúmeras vezes, em todas as ocasiões que fui vê-lo, durante a doença e nos checkups dos anos seguintes, dom Justo me punha de pé na máquina, nua da cintura para cima porque tinha acabado de me auscultar. Fazia-me ficar bem reta, com as costas coladas no metal gelado, e depois aproximava do meu peito a placa de raios, também desagradavelmente fria. Eu apoiava o queixo na borda superior: o aparelho tinha um leve odor de ferro, um ranço que depois reconheci no cheiro de sangue. Dom Justo e minha mãe

se punham diante da máquina sem nenhuma proteção e, depois de apagar a luz, o espetáculo começava; lembro da penumbra do consultório e de como os rostos do pediatra e da minha mãe se iluminavam com o brilho azulado dos raios. “Está vendo, dona Amalia?”, dizia dom Justo, apontando para algum ponto do meu peito. “Aquela parte aparece mais branca porque a lesão está calcificando.” Eles olhavam e conversavam animadamente por um tempo que me parecia muito longo, fascinados com o espetáculo do meu interior. Eu me sentia importante, mas também incômoda e inquieta: aquela escuridão, aquele fulgor espectral que parecia transformá-los em fantasmas, sem falar na ideia asquerosa de estarem vendo minhas tripas. Hoje, quando calculo a quantidade de radiações que devemos ter recebido o meu sangue congela, embora seja tranquilizador saber que dom Justo faleceu com quase cem anos e que minha mãe continua viva e guerreira aos 91. Tudo isso aconteceu no final dos anos 1950, começo da década de 1960; Marie Curie havia morrido, destruída pelo rádio, um quarto de século antes. Agora penso no brilho frio, que saía do meu peito como um ectoplasma, e no zumbido da máquina, e sinto uma proximidade enorme, uma estranha intimidade com aquela sisuda cientista polonesa. De algum modo, seu trabalho ajudou no meu diagnóstico e na minha cura. Sem falar que a mãe de Marie morreu de tuberculose. E eu também vi aquele brilho azul que Curie tanto amou! Digamos que fui uma menina radioativa; e agora sou uma mulher madura ou uma jovem senhora que, há alguns anos, vive a dois quarteirões do antigo consultório de dom Justo, ou seja, a cem metros de onde ficava aquela antiga máquina de raio X que fedia a sangue. Agora o lugar é um consultório ginecológico. Às vezes tenho a sensação de que na vida nos movemos dando voltas sempre pelos mesmos lugares, como num jogo de tabuleiro desconcertante.

Marie Curie não foi apenas a primeira mulher a receber um prêmio Nobel e a única a receber dois, mas a primeira a se formar em Ciências na Sorbonne, a primeira a se doutorar em Ciências na França, a primeira a ter uma cátedra... Foi a primeira

em tantas frentes que é impossível enumerá-las. Uma pioneira absoluta. Um ser diferente. Também foi a primeira mulher a ser enterrada pelos seus próprios méritos no Panteão dos Homens Ilustres [sic] de Paris. Seus restos foram transladados para lá no dia 26 de abril de 1995 com toda a pompa e circunstância (aliás, no Panteão também estão Pierre Curie e Paul Langevin, respectivamente marido e amante de Marie), e o discurso do presidente Mitterrand, na época já muito doente, enfatizou “a luta exemplar de uma mulher” numa sociedade em que “as atividades intelectuais e as responsabilidades públicas eram reservadas aos homens”. Eram, ele disse. Como se essas desigualdades já tivessem sido completamente superadas no mundo contemporâneo. Mas Marie Curie continua sendo a única mulher enterrada no Panteão; e o Panteão ainda é chamado, como se pode imaginar, de Homens Ilustres. Como aquela polonesa sem apoio nem dinheiro conquistou tudo isso, tão cedo, tão só, em circunstâncias tão desfavoráveis? Foi uma mulher inédita. Uma guerreira. Uma #mutante. Por isso é que estava sempre tão séria, tão triste? Por isso exibia aquela expressão tão trágica em todas as suas fotos? Inclusive nas instantâneas, que, como a seguinte, são anteriores à sua viuvez. Penso agora na velha história do pastor entalhando a madeira e digo a mim mesma que talvez o que sairá deste livro será algo intermediário; e que Marie teve de ser São Francisco e a Virgem Maria ao mesmo tempo para conseguir fazer tudo que fez.



Direitos reservados
Pierre e Marie.

A ridícula ideia de nunca mais te ver

A verdadeira dor é indizível. Se você consegue falar a respeito das suas angústias, está com sorte: significa que não é nada tão importante. Porque quando a dor cai sobre você sem paliativos, a primeira coisa que ela lhe arranca é a #palavra. É provável que você reconheça o que estou dizendo; talvez já o tenha experimentado, pois o sofrimento é algo muito comum em todas as vidas (assim como a alegria). Falo daquela dor que é tão grande que nem parece nascer de dentro, como se você tivesse sido soterrada por uma avalanche. E está tão enterrada debaixo dessas toneladas de dor pedregosas que não consegue nem falar. Você tem certeza de que ninguém vai ouvi-la.

Agora que penso nisso, é algo muito parecido com a loucura. Na minha adolescência e na primeira juventude, sofri várias crises de angústia. Eram ataques de pânico repentinos, tonturas, uma sensação aguda de perda da realidade, o pavor de estar enlouquecendo. Estudei psicologia na Universidade Complutense (abandonei o curso no último ano) justamente por isto: porque pensava que estava louca. Na realidade, acho que essa é a razão pela qual 99% dos profissionais do ramo fazem psicologia ou psiquiatria (o 1% restante são filhos de psicólogos ou psiquiatras, o que é ainda pior). Só para registrar, não acho errado que seja assim: aproximar-se do exercício terapêutico tendo sabido o que é o desequilíbrio mental pode proporcionar mais entendimento, mais empatia. Para mim, aquelas crises de angústia ampliaram meu conhecimento de mundo. Hoje fico feliz de havê-las tido: assim eu soube o que era a dor psíquica, que é devastadora por ser inefável. Pois a característica essencial do que chamamos de loucura é a solidão, mas uma solidão monumental. Uma solidão tão grande que não cabe na palavra solidão e que não podemos nem imaginar se não estivemos lá. É

sentir que você se desconectou do mundo, que não vão conseguir te entender, que você não tem #palavras para se expressar. É como falar uma língua que ninguém mais conhece. É ser um astronauta flutuando à deriva na vastidão negra e vazia do espaço sideral. É desse tamanho de solidão que estou falando. E parece que na dor verdadeira, na dor-avalanche, acontece algo parecido. Embora a sensação de desconexão não seja tão extrema, você tampouco consegue dividir nem explicar seu sofrimento. Já diz a sabedoria popular: Fulaninho enlouqueceu de amargura. A tristeza aguda é uma alienação. Você se cala e se fecha.

Foi o que fez Marie Curie quando lhe trouxeram o cadáver de Pierre: fechou-se no mutismo, no silêncio, numa aparente frieza pétrea. Estavam casados havia onze anos e tinham duas filhas, a mais nova com catorze meses. Pierre havia saído aquela manhã, como de costume, a caminho do trabalho; almoçou com os colegas e, ao voltar para o laboratório, escorregou e caiu em frente a uma pesada carruagem de transporte de mercadorias. Os cavalos desviaram dele, mas uma roda traseira lhe arrebentou o crânio. Morreu na hora.

Entro no salão. Dizem-me: “Morreu”. Pode alguém entender tais palavras? Pierre morreu. Ele, a quem eu vira partir pela manhã. Ele, a quem eu esperava apertar entre os braços naquela tarde, eu só tornaria a vê-lo morto. E acabou-se, para sempre.

Sempre, nunca, palavras absolutas que não podemos compreender, sendo como somos: pequenas criaturas presas em nosso breve tempo. Você nunca brincou, na infância, de tentar imaginar a eternidade? O infinito que se desenrola à sua frente como uma vertiginosa e interminável fita azul? A primeira coisa que te derruba no luto: a incapacidade de pensar nele e admiti-lo. A ideia simplesmente não entra na sua cabeça. Como é possível que *não esteja mais*? Aquela pessoa que ocupava tanto espaço no mundo, onde foi que se meteu? O cérebro não

consegue entender que tenha desaparecido para sempre. E que diabos é *sempre*? É um conceito anti-humano. Quero dizer, que foge à nossa possibilidade de entendimento. Como assim, não vou vê-lo nunca mais? Nem hoje, nem amanhã, nem depois, nem daqui a um ano? É uma realidade inconcebível que a mente rejeita: não vê-lo nunca mais é uma piada sem graça, uma ideia ridícula.

Às vezes (tenho) a ideia absurda de que tudo isso é uma ilusão e que vais voltar. Não tive ontem, ao ouvir a porta fechar, a ideia absurda de que eras tu?

Depois da morte de Pablo, eu também me peguei durante semanas pensando: “Vamos ver se ele deixa de ser besta e volta de uma vez”, como se sua ausência fosse uma peça que ele estivesse pregando para me irritar, como às vezes fazia.

Entenda, não era um pensamento real e de todo declarado, mas uma daquelas ideias no meio do caminho, tremulando na beira da consciência como peixes nervosos e escorregadios. Da mesma maneira, todos sabem que muitas pessoas acreditam ver na rua o ente querido que acabaram de perder (nunca aconteceu comigo). A grande Ursula K. Le Guin expressa isso muito bem no poema nu e cru intitulado “On Hemlock Street” [Na rua Cicuta]:

*I see broad shoulders,
a silver head.
and I think: John!
And I think: dead.*

*(Vejo umas costas largas,
uma cabeça prateada,
e penso: John!
E penso: morto.)*^[1]*

Tive a imensa sorte e o privilégio de cultivar certa amizade com Ursula K. Le Guin, que é uma das escritoras cuja influência sobre minha obra eu reconheço de maneira consciente (o outro é Nabokov). Quando lhe escrevi contando que queria fazer um livro sobre Madame Curie, ela respondeu:

Li uma biografia de Marie Curie quando tinha quinze ou dezesseis anos. Incluía vários trechos de seu diário. Fiquei impressionada, admirada e assustada. Talvez a memória esteja me traindo, mas me lembro de que, depois que Pierre morreu na rua, ela guardou o lenço com o qual havia tentado limpar o rosto dele. Parte de seu sangue e de seus miolos haviam ficado no tecido, e ela o guardou, escondendo-o de todo mundo, até que teve de queimá-lo. Essa imagem me assombrou desesperadamente todos esses anos.

Caramba, pensei, não vi esse detalhe em nenhuma das biografias que utilizei. Considerando a idade de Ursula (ela nasceu em 1929), pensei que talvez se tratasse do livro que a segunda filha de Marie, Ève, escreveu sobre a mãe em 1937. Na época em que recebi o e-mail de Le Guin eu ainda não tinha lido essa obra: ela está fora de catálogo e tive de importunar meio mundo até conseguir um exemplar de segunda mão em inglês. De modo que as palavras de Ursula me fizeram repassar com atenção o breve diário de Curie, e descobri um parágrafo que, à luz dessa sinistra explicação, tinha um sentido bastante revelador:

Eu e minha irmã queimamos tua roupa do dia da catástrofe. Numa fogueira enorme eu jogo os farrapos de tecido recortados com os grumos de sangue e os restos de miolos. Horror e miséria. Eu beijo o que resta de ti para além de tudo isso.

Na minha primeira leitura, pensei que haviam queimado a roupa pouco depois do acidente e entendi “beijo o que resta de ti” como uma metáfora, mas agora eu temia o pior. Esperei ansiosa a

chegada do livro de Ève e, de fato, me deparei com uma cena brutal. Quase dois meses depois da morte de Pierre, um dia antes de a irmã de Marie, Bronya, voltar à Polônia, Madame Curie lhe pediu que a acompanhasse até seu quarto e, depois de fechar cuidadosamente a porta, tirou do armário um volume enorme embrulhado em papel impermeável: era a trouxa de roupas de Pierre, com coágulos de sangue e pedaços de cérebro grudados. Ela havia guardado secretamente aquela nojeira. “Você tem que me ajudar a fazer isso”, implorou para Bronya. E começou a cortar o tecido com uma tesoura e a jogar os pedaços no fogo. Mas quando chegou aos restos de matéria orgânica, não pôde continuar: pôs-se a beijá-los e a acariciá-los diante do horror da irmã, que arrancou as roupas das suas mãos e acabou com a lúgubre tarefa. Não me admira que a imagem tenha marcado a menina Ursula. Estou dizendo que o sofrimento agudo é como um arroubo de loucura. Por fora, Marie surpreendeu pela sua contenção emocional: “Aquela mulher fria, calma, enlutada, a autômata em que Marie havia se transformado”, diz sua filha Ève. Mas, por dentro, ardia a demência pura da dor.

Nunca cheguei a isso, é claro. Pelo contrário, quis “me comportar” no meu luto e arregacei as mangas: imediatamente me desfiz de toda a sua roupa, guardei seus pertences à chave, mandei estofar sua poltrona preferida, aquela em que ele sempre se sentava. Fui dura demais. Quando o estofador chegou para buscar a poltrona, sentei-me nela desesperada. Queria curtir o suor impregnado no tecido, o velho vestígio do seu corpo. Arrependi-me de ter chamado o profissional, mas não tive coragem ou convicção suficiente para lhe dizer que tinha mudado de ideia. Ele levou a poltrona. Aqui está ela agora, revestida de um tecido listrado alegre e banal. Nunca mais a usei.

“Comportar-se” no luto. #fazeroquesedeve. Vivemos tão alienados da morte que não sabemos como agir. Temos uma enorme confusão na cabeça. No meu caso, encarei o luto como uma doença da qual precisava me curar o quanto antes. Creio que é um erro bastante comum, porque na nossa sociedade a

morte é vista como uma anomalia, e o luto, como uma patologia. “Falamos constantemente de mortes evitáveis, como se a morte pudesse ser prevenida, em vez de adiada”, diz a dra. Iona Heath no seu livro *Matters of Life and Death* [Questões de vida e morte]. E Thomas Lynch, aquele curioso escritor estadunidense que há trinta anos é diretor de uma funerária, explica em *The Undertaking* [O empreendimento]:

Estamos sempre morrendo de falências, anomalias, insuficiências, disfunções, paradas, acidentes. São crônicos ou agudos. A linguagem dos atestados de óbito — a de Milo diz *falência cardiopulmonar* — é a linguagem da fraqueza. Da mesma forma, diremos que a sra. Hornsby, em seu sofrimento, está derrubada, destroçada ou em pedaços, como se houvesse algo estruturalmente incorreto nela. É como se a morte ou a dor não fizessem parte da Ordem das Coisas, como se a falência de Milo e o choro de sua viúva fossem, ou devessem ser, motivo de vergonha.

E, de fato, eu não queria me sentir envergonhada pela minha tristeza. Sou aquele tipo de pessoa que sempre tenta #fazeroquedeve, por isso colecionei tantos “10” na escola. Então procurei ceder ao que acreditava que a sociedade esperava de mim depois da morte de Pablo. Nos primeiros dias, as pessoas lhe dizem: “Chore, chore que faz bem”; e é como se dissessem: “É preciso furar e espremer esse abscesso para sair o pus”. E é justamente nos primeiros momentos que você tem menos vontade de chorar, pois está em choque, exaurida e fora do mundo. Mas logo depois, em seguida, justo quando você está encontrando o fluxo aparentemente inesgotável do seu pranto, as pessoas à sua volta começam a lhe cobrar um esforço de vitalidade e otimismo, de esperança no futuro, de *recuperação* da sua tristeza. Porque é exatamente assim que se diz: Fulano ainda não se *recuperou* da morte de Sicrana. Como se se tratasse de uma hepatite (mas você não se recupera nunca, esse é o erro, a gente não se recupera: se reinventa). Não é minha intenção

criticar ninguém ao contar isso: eu também agi assim antes de saber! Também disse: chore, chore. E três meses depois: Vamos, chega, levante essa cabeça, ânimo. Com a melhor das intenções e o pior dos resultados, certamente.

Não quero dizer com isso que os parentes tenham de passar dois anos vestidos de preto, fechados em casa e soluçando de manhã até de noite, como se fazia no passado. Oh, não, o luto e a vida não têm nada a ver com isso. Na verdade, a vida é tão tenaz, tão bela, tão poderosa, que mesmo nos primeiros momentos da dor você pode gozar de instantes de alegria: a delícia de uma linda tarde, uma risada, uma música, a cumplicidade com um amigo. A vida abre passagem com a mesma teimosia com que uma plantinha minúscula é capaz de rachar o chão de cimento e botar a cabeça para fora. Mas, ao mesmo tempo, a tristeza também segue seu curso. E é com isso que nossa sociedade não lida bem: logo escondemos ou proibimos o sofrimento tacitamente.

Manhã de 11 de maio de 1906

Meu Pierre, levanto depois de ter dormido bem, relativamente tranquila, passado apenas um quarto de hora de tudo isso, e vê só: mais uma vez tenho vontade de uivar como um animal selvagem.

Marie dizia esse tipo de coisas no seu diário.

O calafrio da indecência.

Provavelmente Marie Curie tenha se salvado da ruína escrevendo essas páginas, que são de uma sinceridade, de um desprendimento e de uma nudez impactantes. É um diário íntimo, não foi pensado para ser publicado. Por outro lado, ela não o destruiu. Conservou-o. Claro que era uma carta pessoal dirigida a Pierre. Um último elo de #palavras. Uma espécie de cordão umbilical derradeiro com seu morto. Não me admira que Marie fosse incapaz de se desfazer dessas anotações desoladoras.

Confesso que, durante muitos anos, considerei uma indecência fazer uso artístico da própria dor. Abominei que Eric